

E M E R S O N S A R M E N T O



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Jéssica Cordeiro
Milena Wanderley
Pauline Guimarães
Alexandre Machado

FOTO DO AUTOR
Carol de Andrade

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S246C SARMENTO, EMERSON. 1989 -
CROMOSSONHOS / EMERSON SARMENTO. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

84 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-100-5

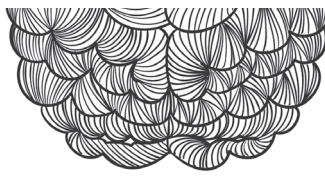
I. POESIA I. TÍTULO.

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

I. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



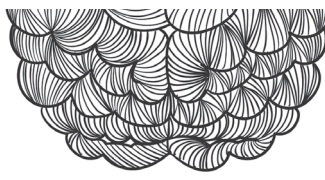
Cromossonhos

A madrugada é o espectro da poesia
o prisma que decompõe a sífilis
traz luz ao câncer na penumbra vazia
pelas vielas d'alma vomitando a bÍlis.

O sonho é uma alquimia que dorme
na infernal paixão que não coaduna.
Em dolorosas plumas o amor é esnobe.
E atônito o poeta rima poesia inoportuna.

O ar dos pulmões dá lugar à pneumonia
no âmago, inquietações rasgam o fígado
coagulando fontes de versos em sincronia.

Na matéria cerebral é onde a alma habita
o amor é um conjunto de sonhos e febres
nas preces dum hipocondríaco já sem vida.



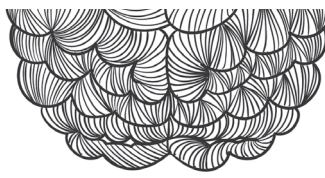
Soneto da amizade mútua

Pintemos, amor, a ode brutal
um futuro sistemático adormecido
onde a fúria do desejo é triunfal
e a penumbra é a glória do iludido.

Ora, cantemos como bichos no cio
transas fálicas são bacanais de versos
a plena purificação tardia é hostil
numa liberdade de segredos perversos.

As incertezas são desordens mútuas
explodindo arquitetura mal planejada
sobrevivendo apenas devoções, de repente...

Amo-te, sem mais, como amigo, simplesmente!
Amo-te na mais perfeita primavera tua
e amarei a rosa desejada, aberta e nua.



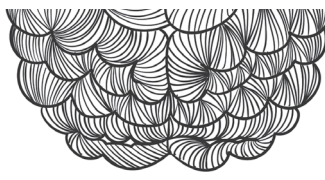
Soneto larmoyante

Deita os teus íntimos assombros
nos suspiros cansados d'meu peito
retira a languidez dos escombros
acende os ímpetos no amor refeito.

Deita os teus ínfimos tormentos
na palidez fervorosa d'meu leito
regressa às flores dos rebentos
que outrora velamos o amor eleito.

Adormece no mar dos meus olhos
acalma-te nesse mistério imenso
onde tua imagem reluz sentimento.

Que bebamos o veneno dos ópios
o langor dos corpos moribundos
e morramos nos desejos fecundos.



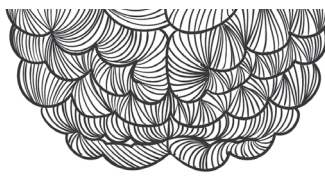
Soneto profético

O sábio assimila a repressão
do escarnecedor que não vê
o fruto sagrado diante da redenção
da mediocridade duma alma a padecer.

O cético se confunde com a verdade
do justo que tem a glória nas mãos
com quietude a gritar por liberdade
numa paz em constante transformação.

A luz espiritual candeia o ímpio
que se abraçará com a condenação
e dirá rudemente ser espírito limpo.

Os miseráveis catam juízo no chão
e tiram da terra castigos cítricos
pregados por sábios protegidos de traição.



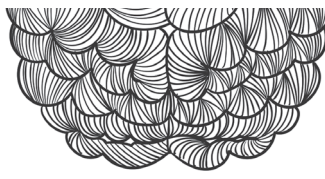
Soneto à lua morena

No quarto à luz de branca cor, sorria ferida
em plena cruz do dia, refletiu-se dolorosa
lembranças daquela lua, mãos carinhosas
benzia-me, pálida, em manhã adormecida.

Em silêncio, a Lua morena negou amor
negou o esplendor nos rebentos das auroras
sucumbiu na esfera marítima sem compor
a derradeira cantiga em pernas tão formosas.

Procuro-te no quarto, nos quatro cantos
vais correndo, tirando o corpo sem que a veja
e eu, imaginando romance entre mil e tantos.

Quantas prosas ainda teria contigo, ó Lua!
mas o tirano dia insiste em entristecer-me;
ao sentir o adeus - espero a noite nessa sórdida rua.



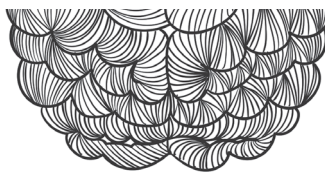
Soneto do último dia

Escrevo o mais nobre arrependimento
insensatez terrena dum espírito levado
aos calibres máximos do alumbramento
os porões bárbaros findam o vil passado.

Em teu branco-corpo reluzi o pecado.
Ah, que medonha astúcia protagonizei
leveí o lívido amor ao choro revelado
cai nos braços obtusos que tanto evitei.

Volto-me noutro tempo nefasto-paralítico
nego-te com ternura sã as minhas mãos
julgando as contradições do âmago analítico.

Num vasto arrependimento íntimo dum adeus
subtraí a lealdade de nossa bendita unção
e no último dia, entrelaçados, fomos um só deus.



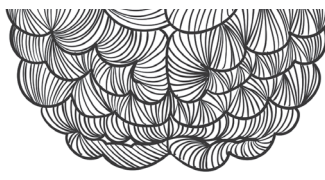
Soneto ao sorriso desconhecido

Eis o espanto na ribalta dum sorriso
eram sossegos na simetria das luzes
na timidez hermética de um paraíso
libertou meus agouros das cruces.

Eis o desconhecido encanto conciso
o sublime resvalado diante dos olhos
a entrega ao esquecimento contido
no alumbramento dos meus imbróglis.

Diante da epifânica paisagem dos lábios
a eloquência verve perdeu-se no ímpeto
do silêncio sagrado dos versos sábios.

E o âmago febril em seu ventre fecundo
executa o choro nas ruas de outono
reverberando o sorriso que silenciou o mundo.



O poeta e a odisséia

De tanta inspiração e amores de janela
beije a esperança perigosamente santa
sobre as pétalas flutuantes descansa
o meu dramático peito desfeito por ela.

Nessa lira que choro em seio frio
tão casto e cruel em sangue ávido
duma fonte celeste o néctar é ardil
o desejo enlouquecido é crime tácito.

Dei-me agora a aurora mais nobre
mais espaçosa, sem amores ignotos
a suspirar gotas de ódio iludidas.

Sou bardo triste, como antigas monodias
que lume na primavera de teus olhos
num monótono e trágico encanto de amor.



www.editorapenalux.com.br

 esarmento22@gmail.com

 [/esarmento](https://www.facebook.com/esarmento)